



ASPECTOS FILOSÓFICOS E EDUCACIONAIS NA OBRA DE RONDON

Parte II

João Marinonio Aveiro Carneiro

RONDON E O RONDONISMO

VIDA

Iniciando sua vida como ajudante do então Major Antonio Gomes Carneiro, herói da Lapa, o 1º Tenente do Estado-Maior de 1ª Classe, em 1890, viu abrir-se diante de si uma vida em prol da Religião da Humanidade.

Em sua trajetória pelos Sertões do Brasil, Rondon não só tratou dos problemas ligados à Telegrafia. A gama de trabalhos desenvolvidos são de tal ordem que apresentamos em anexo a este trabalho. De vida simples e austera, desde os tempos primeiros de sua existência, nunca saiu da Escola Militar enquanto aluno. Sem livros por não possuir recursos, buscava através de grande esforço e persistência, com anotações e estudo, o

almejado título de alferes-aluno o que poderia liberá-lo um pouco de tanta privação que se impunha. Tal desiderato custou-lhe quase que a própria vida, vítima que fora de insidiosa doença.

Vencida esta etapa, apesar de dificuldades inúmeras, consegue, em 04 de julho de 1888, o almejado título de Alferes-aluno. Era um título acadêmico de difícil obtenção, vez que era um prêmio àqueles que, no 1º e 2º anos, não tivessem obtido nota inferior a "plenamente" em nenhuma matéria.

Participante de primeira hora dos movimentos abolicionista e da Proclamação da República, Rondon via em seu mestre Benjamin Constant, o paradigma a ser seguido por toda a vida. Sendo necessário a ligação entre a "Brigada Estratégica" e os oficiais revoltados da Armada, Benjamin Constant, indica-o juntamente com Tasso

Fragoso para tão importante missão.

A República recém-proclamada institui a Comissão Construtora da Linha Telegráfica de Cuiabá ao Araguaia, para ali vai Rondon. Sempre desejava construir um dia a carta de seu Estado natal. Seguidor, com fervor, das idéias de José Bonifácio de Andrada e Silva, que já em 1823, propunha a extinção do tráfico dentro de 4 a 5 anos, abolindo gradualmente a escravidão dentro de 33 anos, defensor da fraternidade entre os Homens, da liberdade dos negros e de proteção ao silvícola, trilogia que foi a sua marca ao longo de sua vida.

Podemos caracterizar a vida de Rondon, sertanista e explorador, em fases. A primeira delas, de 1890 a 1898, em que foram assentados 580 Km de linha e o levantamento topográfico de 600 quilômetros de estrada por terras nunca dantes atravessadas por homem branco, a terra dos Bororo. Esta foi, em suas próprias palavras "*minha escola, meu chefe, e que haveriam de empenhar toda a atividade de minha vida e o meu inquebrantável entusiasmo pelo serviço da Pátria e da República*"²⁹

De 1892 a 1898, como chefe do 16º Distrito Telegráfico de Mato Grosso, foi refeita a linha de Cuiabá ao Araguaia e levantados os dois divisores do Rio das Mortes, o principal, como o São Lourenço e o secundário, como o Rio das Garças.

Sua segunda fase ocorreu no ano de 1899 que foi passado por inteiro no Rio de Janeiro como auxí-

iliar técnico da Intendência Geral da Guerra sob o General Francisco de Paula Argolo, quando então tratou do mapeamento entre os rios Cuiabá e Araguaia que tanto palmilhara anteriormente.

Seu regresso ao sertão em 1900, marca-lhe nova fase, a terceira. Chefe da Comissão Construtora da Linha Telegráfica do Sul de Mato Grosso. Ali ficaria até 1906, assentando 1656 quilômetros de linha. Trabalhos Topográficos e Astronômicos são realizados.

Em 1907, outra fase se inicia, a construção da linha telegráfica do Noroeste de Mato Grosso que se estenderia até 1914. Nesta fase, ocorreu a Expedição Roosevelt - Rondon que, iniciando-se na foz do Apa penetrou pelo rio da Dúvida chegando até Manaus, num percurso de mais de três mil quilômetros, quando ocorreram estudos dos mais profícuos, listados em anexo. Deste trato com o sertão surge-lhe a condição da prática humanística do trabalho de proteção ao verdadeiro dono das terras, o indígena, acalentada desde seus tempos de menino, em Mimoso.

O Ministro da Agricultura Rodolfo Miranda o escolhe em 1910, para organizar e dirigir o serviço com a maneira que seguiria até então de tratamento humano e pacífico com o indígena. É claro, entretanto, que tal idéia não surgira repentinamente, fora antes o resultado de uma vivência exauritiva no contato direto com o indígena.

São bem claras suas idéias.

"Tal diretriz não se traçara ao acaso de uma inspiração do

momento; ao contrário disso, foi ele o fruto de um dever maduramente aceito como produto necessário de convicções e de sentimentos que nos conduziram a respeitar as indefesas populações fetichistas nas suas propriedades, nas suas pessoas, e nas suas instituições políticas, sociais e religiosas.

Os meus abnegados companheiros de desbravamento de sertões e de explorações geográficas aceitaram e sempre praticavam o lema inflexível que constitui a bandeira destas Expedições.

*Afrontar todos os perigos, até a morte, mas nunca matar*³⁰.

Caingang, Botocudo, Parintintin.

Nhambiquara, Barbado, Keperi-Nato.

Parnanat, Tacuatep, Ipsat-Nat, Urumi.

Aritime, Bororo, Pareci, Bacaheri, Jarús.

Urupás, Caripumás, são contatados, estudados e respeitados.

Na fase de 1915 a 1919, — o Sertão do Juruena é descoberto. O vale do Araguaia, Xingu, Tapajós. Levanta-se o vale do Paraguai, traça-se o divisor do Paraná com o Taquari e Aquidauana. As cabeceiras dos rios Correntes, Itiquira, Garças e São Lourenço do Arianos, Teles Pires, os divisores destes rios e do Xingu com o Cuiabá e rio das Mortes. Retraçam-se os cursos do rio Paraguai e seus tributários, Miranda, Aquidauana, Negro, Taquari, São Lourenço, Piquiri, Correntes, Itiquira, Cuiabá,

Tenente Lyra e Jaurú, Aporé; afluentes do Paranaíba, Araguaia e seus tributários; das Garças e das Mortes; Fresco, tributário do Xingu; Teles Pires, confluente do Juruena; Roosevelt com seus formadores Duvida e Capitão Cardoso; Gy-Paraná e seus tributários Jaru, Anary e Machadinho, Jamary e seu confluente Candeias; Jacy-Paraná e seu tributário Branco; Sucundury e Canuamam; alto e baixo Guaporé e seus tributários Corumbiara, São Miguel e Cantario; baixo Mamoré. Descobre-se a serra do Norte e sua origem, cujas nascentes do rio Nhambiquara, 12 de outubro e Iké se encontram.

Servindo à Nação brasileira que tanto amara por setenta e quatro anos, vinte e cinco dos quais depois de reformado, situa-se Rondon, como já tantos o colocam "primus inter pares". Assoma também como aquele que mais de si deu em termos de descoberta de regiões até então virgens, podendo-se estimar entre 300.000 a 500.000 quilômetros quadrados de área desbravada.

Em sua longa permanência, sempre com serviços pesados e exaustivos, em regiões, nas mais das vezes endêmicas em que foram inúmeras vigílias e fomes, agiu sempre como um soldado, uniformizado e em cumprimento aos regulamentos militares. Pacificou, individualmente, tribos indígenas temidas por sua periculosidade, descobriu novos grupos de silvícolas, criou núcleos indígenas e os educou.

Officializou a mística de proteção ao índio — o verdadeiro dono

da terra — sendo o inspirador da criação do Serviço de Proteção aos Índios, em 1910, e do Conselho Nacional de Proteção aos Índios, 1930, em cuja chefia esteve em primeiro lugar.

Realizou orientação geral em estudos de História Natural, Geologia, Mineralogia, Paleontologia, Botânica, Zoologia e Etnografia. Graças a seus trabalhos, ficaram conhecidos pelo mundo, geólogos como: Euzébio Paulo de Oliveira, Alberto Betim Paes Leme, zoólogos como: Alípio de Miranda Ribeiro, botânicos como: Frederico Carlos Hochne, João Geraldo Kuhlman, Alberto José Sampaio, etnógrafos como: Edgard Roquette Pinto, o alemão naturalizado e amigo dos índios Kurt Nimendaju e João Barbosa Farias, paleontologistas.

Era conhecedor dos hábitos e nomes vulgares de quase todos nossos animais vertebrados e invertebrados, das plantas de nossos bosques e sua utilidade. Conhecia os nomes e localização de minuciosas tribos. Falava corretamente o Bororó e circulava por outras tantas línguas indígenas.

Como Inspetor de Fronteiras, palmilhou-as todas, com exceção da que temos com o Uruguai tendo como resultado maior, boas cartas parciais e gerais e relatórios profundos, trabalhos que reputamos como novos no gênero e que são ainda inéditos.

Porém seu destaque maior foi com relação ao Homem. Homem que era a meta da Religião da Humanidade. O devotamento, a tenacidade, a conduta virtuosa, a

força moral, a paciência na resolução de impasse entre os homens e nações tiveram em Rondon a expressão máxima.

No caso de Leticia, por exemplo, a forças colombianas e peruanas já estavam mobilizadas e tomado posições de guerra quando Rondon, General-de-Divisão Reformado, de forma pessoal, intervém como Árbitro do Brasil. Os delegados dos países em conflito são mudados, o do Peru, duas vezes, o da Colômbia, cinco, mas Rondon permanecia inquebrantável no servir. Perdeu um olho por falta do cuidado exigido ao caso, mas a paz é finalmente conseguida, graças a este Homem para quem a Fraternidade Universal era apanágio maior.

Conseguiu de seus oficiais, seus auxiliares militares e civis, a execução de trabalhos não só que se apresentavam como superiores à condição física dos homens, mas em muitos casos, acima, inclusive dos conhecimentos acadêmicos que possuíam. Exemplo típico disto é a assertiva do Major Luiz Thomas Reis, que foi na Comissão Rondon, Desenhista-Cartógrafo, Fotógrafo e Cinematografista — o primeiro técnico a filmar paisagens e animais selvagens no interior do Brasil.

Colaborador emérito, emprestou seus trabalhos à pátria brasileira, não só no Ministério da Guerra, mas o fez no Ministério da Viação (1890-1891), no da Agricultura, porque nele foi criado o Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais (1910) e o Conselho Nacional

de Proteção aos Índios (1939) e no Ministério das Relações Exteriores, por quatro vezes. A primeira, quando da visita de Theodore Roosevelt, em que o Presidente Hermes da Fonseca e o Ministro Lauro Muller entenderam de colocá-lo à disposição do ilustre visitante para um percorrer dos sertões brasileiros. A segunda, em 1921, quando da visita do General francês Mangin, grande africanista. Face a esta consideração, Rondon é designado pelo Presidente Epitácio Pessoa e seu Ministro Azevedo Marques para acompanhá-lo, vez que Rondon era o grande defensor da fraternidade entre os homens e havia lutado nas campanhas abolicionistas brasileiras. O General Mangin, em discurso na Escola Militar, aponta o General Rondon como modelo a ser imitado por cadetes e oficiais de todos os postos.

A terceira vez, quando Árbitro Internacional a respeito do artigo 6º do Protocolo de 24 de maio de 1934 na dissensão entre o Peru e a Colômbia, no tocante a posse do Porto de Letícia.

A quarta oportunidade surge em 1943, quando da visita do Presidente da Bolívia, General Pena-randa. Rondon está reformado desde 1935, mas o empenho do governo brasileiro foi de tal ordem ao próprio Itamarati, mandou confeccionar novos uniformes para Rondon, a fim de que o presidente boliviano o tivesse ao lado, em primeiro uniforme.

Sintetizando, podemos classificar seus serviços humanitários

prestados no interior do Brasil da seguinte forma:

1º — No Setor Geográfico Geral;

2º — Em contato com os aborigenes;

3º — Na construção de um sistema de linhas telegráficas;

4º — Nos domínios da História Natural.

Como ele, somente Benjamin Constant, seu mestre amado, consegue — em tempo de paz — levar seus discípulos a uma grande obstinação no cumprimento do dever. Agindo pela palavra e pelo exemplo, levou-os aos maiores sacrifícios na ânsia maior do dever cumprido.

O exemplo de suas conferências e Ordens do Dia realizadas ao longo dos anos, afloram-nos dados que nos levam a concluir sobre o pensamento de Rondon.

E em seu próprio relato do contato primeiro com os ferocíssimos Nhambiquaras que isto emerge.

"No dia 22 de outubro de 1910, saímos do acampamento de Saueiná, em demanda do Ju-ruena, devendo eu de passagem ir pelo trilho dos índios à aldeia cuja proximidade se revelava pela freqüência de pegadas recentes.

Eramos quatro e marchávamos em fila: o da frente ia armado de Winchester, em seguida eu, com minha Remington de caça, em terceiro lugar o Ten. Lyra e por fim o fotógrafo Le-duc, ambos com pistolas Colt. Ainda não havíamos feito um quilômetro, quando senti no rosto um sopro e vejo de relan-

ce um vulto, como de passarinho que cruzasse o meu caminho, na altura dos olhos e bem próximo. Acompanhei com a vista, à direita, e só então comprehendi.

A choupa de uma flecha, cuja ponta se cravava em solo arenoso, ali estava vibrando. Já uma segunda mensageira da morte me passara rente da nuca, roçando o capacete, e diante de mim, a uns doze passos, dois guerreiros Nhamiquaras retesavam os seus arcos.

Tiro a espingarda do ombro, dou um tiro à esquerda e logo outro à direita... e isto num instante tão fugaz que já estava tudo terminado antes que os seus companheiros se apercebessem do ocorrido.

... Passada a surpresa quiseram meus companheiros meter-se pelo mato em perseguição aos índios; a isto opus-me, mas para mantê-los foi preciso apelar para o prestígio de meu posto...

Não viéramos à conquista de índios, mas sim para trazer até o Juruena o reconhecimento de que necessitavam as operações posteriores da comissão de Linhas Telegráficas...

*Retiravam-nos com a satisfação de vermos plenamente realizado o programa que nos impuséramos ao organizarmos esta primeira expedição*³¹.

Assim, destaca-se o amor ao outro, a tendência altruísta que busca os valores transcendentais.

"Um sentimento de conhecimento não ditado pelo interesse

se, adquire valor, na medida em que um indivíduo se uniu de maneira durável a uma concepção das relações para com o próximo que ultrapassa seus interesses e sobrevive à sua satisfação".³²

O paradoxo da explicação do querer, da força adicional necessária a uma decisão aqui tem sua marca indelével.

Como diz Claparède:

Toda decisão é um drama que consiste no sacrifício de um desejo no altar de outro desejo.

Assim que o exercer seu "o ato voluntário, como que o que opera a síntese refletida de nossas tendências em vistas de uma ação no mundo"³³, Rondon posiciona-se com o seu ser no mundo. Desta maneira vemos que a vontade realmente é completa quando é concluída numa situação inteligente, como foi o caso, pois se outra não fosse medida tomada, uma série de retaliações seriam levadas a efeito de ambos os lados.

Tal atitude revela-nos, também, a noção de coragem.

"É uma ação universal do espírito no qual qualquer dado mental serve de obstáculo, antes de servir de meio, em vontade do desmentido que ele inflinge provisoriamente à nossa exigência de valor".³⁴

Virtuoso como poucos, Rondon ao conhecer o valor do Homem dentro de um conhecimento vivo e concreto o elege dentre tudo, fazendo que toda a sua vida se coloque em defesa deste princípio,

possuindo mesmo o que Aristóteles havia assinalado "*a disposição adquirida e durável para agir de maneira voluntária e refletida*". É ainda a justa medida que a razão do homem de bem deve fixar. E a mesotés, como ponto de perfeição, é a harmonia regida pela inteligência lúcida e flexível, fazendo com que a virtude surja-nos como algo racional.

Justo, compreendendo que seu dever não pode, em nada, ser comprometido. Sua retidão e sua conduta o colocam como homem de bem, dentro de uma justiça racional em que ninguém valha mais de que o outro.

Seu exemplo foi seguido por seus comandados.

"O Tenente Nicolau levava a locação do Juruena para a Serra do Norte, quando, à tardinha, voltando dos trabalhos para o acampamento do Ranchão, fora subitamente atacado, ao descer para o córrego Dois Mucocos, pelos Nhambiquaras, caindo juntamente com seu auxiliar aspirante Tito de Barros, veados pelas flechas daqueles índios.

Acudidos pelos praças que queriam sair contra os atacantes indígenas, aqueles abnegados oficiais puderam, no meio de suas dores, impedir a justa indignação de que se apoderaram os praças".³⁵

O exemplo dado por Rondon foi a linha de atuação que seus comandados seguiram, apesar da situação fantasticamente adversa, em que falou mais alto o funda-

mento da consciência moral, o cumprimento do dever.

Assim Rondon colocava-se como aquele que enfeixava as características básicas do poder de dar o exemplo, de saber como fazer e o de compreender para exigir.

Recebendo influências de Gomes Carneiro em que via o prático, de Benjamin Constant, o espiritual e de sua esposa; Rondon viveu para a Religião da Humanidade, para o Homem dentro da visão de Universo, com sua dignidade que se realiza através da Sociedade, tendo o "*Amor por princípio, a Ordem por base, e o Progresso por fim*".³⁶

Enquanto que o Positivismo trouçou-lhe a "*norma agendi*", de uma forma ou de outra dá nova feição as assertivas comtianas, colocando-se dentro da realidade brasileira, e mais do que isto da realidade de nossos sertões.

Em o "*Novo Apóstolo das Selvas*", Castro Menezes, assim, se referiu a Rondon:

"Rondon, ao lado das tarefas de técnico, desdobra, maravilhosamente, as energias de um santo. E de tribo em tribo, de taba em taba, de maloca em maloca, esse homem admirável vai surgindo de olhos brilhantes e sorriso nos lábios, estendendo ao silvícola, sobre a palma da mão leal, sementes de fraternidade, gérmenes de progresso, de paz, de harmonia e confiança".³⁷

Rondon destaca-se também pelos seus trabalhos etnográficos que realiza em várias fases, a saber: 1908 a 1910; de 1910 a 1912 com Roquette Pinto; de 1913 a 1914;

de 1914 a 1915, porém é na proteção ao silvícola que diuturnamente realizava a sua maior obra, centrado nas convicções de José Bonifácio, que as fizera próprias.

Quando do assalto de seringueiros de Jovino Lemos, nas cabeceiras do Javary, no alto Candeia, que mataram índios e incendiaram a aldeia, Rondon assim se expressou, em telegrama, ao chefe do Escritório Central:

"Urge comunicar sociedade, por intermédio imprensa, assassinio dois índios, tribo desconhecida, das cabeceiras Javary no Alto Candeia, por seringueiros de Jovino Lemos, proprietário seringal aquele rio e incêndio respectiva aldeia. Inspecionando serviço cargo Tenente Amarante, divisória águas Javary e Candeias, tive conhecimento daquele recente assassinato e aquela outra barbaria que levem conhecimento governo Mato Grosso, pedindo providências punição criminosos e respeito terras índios. Propus-me a demarcar essas terras, evitar continuação abusos. Há muita deficiência proteção nossos indígenas reanima bugreiros voltaram antigas perseguições, matando, roubando, expulsando nossos patrícios aborígenes no mais sagrado seu lar que destroem."

Em nome da civilização e humanidade verberei criminosos coniventes assassinatos, apelando sentimentos proprietários, sentido por tempo a tão bárbara prática a que se entregam esses seringueiros. Montamos guarda defesa da vida, proprie-

dade índios, enquanto permanecermos nestas paragens, cumprindo nosso dever de homem civilizado e de soldado.

Saudações — Rondon".³⁸

E, pois, no entendimento correto de encarar o nativo como seu irmão, seu patrício, a quem pela maneira convivência mansa deve-se se abrir novos horizontes e que eles pudessem ver o homem branco com menos hostilidade é que Rondon se embrenhou nos sertões brasileiros em busca do desconhecido para conhecer, para amar e realizar-se como pessoa.

E Gomes Carneiro que o indica para fazer parte da Comissão Construtora da Linha Telegráfica de Cuiabá ao Araguaia e dele se refere Rondon:

"Gomes Carneiro, meu amado Mestre do Sertão. Ali me ensinaste a ser soldado. Aprendi, nos teus edificantes exemplos cívicos e militares, a ser dedicado ao serviço, inflexível nas maiores dificuldades e sofrimentos para nunca, ante o subordinado revelar cansaço ou ignorância — porque só assim, dizia, será a autoridade do chefe mantida e respeitadas as suas ordens. Foi contigo que aprendi a amar o índio, já meditando nas ordens que fizeste cumprir em sua defesa e proteção, ao longo da estrada marginada pela construção da linha telegráfica onde o bororo mantinha as suas aldeias, já no empolgante exemplo que me deste de não insistir contra os avisos que nobremente dá o índio ao invasor de sua terra,

antes de fazer sentir materialmente, que sua presença é desagradável".³⁹

Ora, com tal professor e num campo tão fértil medraria em Rondon as posições de seu mestre e ele como ninguém foi o apanágio dos fracos contra os opressores ao longo de toda a sua vida, legando aos pósteros a lição de amor à Humanidade, feita com os olhos voltados não naquilo que o Positivismo apresentava ser missão dos exércitos em tempo de paz, mas também no acendrado amor à Pátria.

A inspiração maior de seu chefe e amigo em defender o gentio tornou-se uma posição que jamais abriria mão.

Posicionava-se publicamente a este respeito várias vezes das quais destacamos a seguinte:

"Um novo atentado entre os índios — ... Há muita deficiência proteção nossos indígenas, reanima bugreiros, voltarem antigas perseguições matando, roubando, expulsando nossos patrícios aborigens no mais sagrado seu lar que destroem".⁴⁰

A INFLUÊNCIA FAMILIAR

Casando como positivista que era, no Templo de Humanidade, Rondon assim se expressou:

"Fundava nossa família que, desde logo, consagrei ao serviço da Pátria e da Humanidade, como me consagrara meu Pai, antes de morrer".⁴¹

Dª Francisca Xavier da Silva, Dª Chiquita, assim se chamava

aquela que durante toda a vida haveria de apoiar de forma finípar a trajetória de Rondon, o homem do mundo, da Religião da Humanidade. Positivista convicta, seguiu de forma plena o que era preconizado por Comte, como: o papel da mulher no lar.

"Esta multiplicidade se acha dogmaticamente indicada por nossos instintos simpáticos, e cada um dos quais corresponde especialmente numa das principais influências femininas. A mãe, a esposa e a filha devem, em nosso culto, como na existência que ele idealiza, desenvolver respeitosamente em nós a veneração, o apego e a bondade".⁴²

Assim era na esposa que o homem Rondon buscava o refúgio supremo de sua própria família e de si próprio, principalmente nas horas extremas, quando mesmo após o seu passamento agarrava-se a sua foto e a ela apelava. Dedicada à educação dos filhos e à guarda do santuário do lar, era a esposa, a amiga, a companheira donde fruíram os sopros, que suavizaram a vida deste intrépido defensor dos oprimidos.

Assim, a mulher haveria de ser mantida pelo homem e, devendo ainda estar acima das disputas políticas de modo, centrada nos ensinamentos Comtistas pudesse vir a formar, da maneira mais elevada possível, num máximo de patamar moral e aperfeiçoamento do próprio homem, pai, filho ou esposo.

Quando de seu convite para assumir a presidência da Comissão

Mista, relata ao General Jaguaribe de Mattos, em carta de 04 de novembro de 1934:

"Sabes que detesto as intrigas políticas. Nunca servi governo algum por aulicismo. Os meus serviços foram sempre prestados ao Brasil, quaisquer que fossem os órgãos que nos momentos o representassem. Não quis como também sabes, no auge das tentativas da revolução e depois de organizado o Governo Revolucionário, colaborar com essa administração correspondente. Recusei todos os postos, desde o golpe revolucionário de Porto Alegre, até o momento em que me preparava para entregar ao meu substituto a Chefia de Inspeção de Fronteiras, que procurava entre nossos antigos companheiros de Comissão Telegráfica.

Foi quando surgiu o Protocolo de 24 de maio, de Amistad e Cooperación, em que o Brasil teria de ocupar lugar saliente na sua execução. Lembrado o meu nome para desempenhá-lo, fui pessoalmente, e por intermédio do Ministro do Exterior, convidado pelo ainda Ditador e próximo Presidente Constitucional, para, exercer tão elevada função como Presidente da Comissão Mista, criada pelo Protocolo para velar pelos acordos fraternais, que puseram cobro a guerra iminente, que em setembro de 1932, irrompeu nas águas do Amazonas.

Depois de bem refletir, de comum acordo com minha esposa; considerando que o serviço a

prestar redundará em prestígio do nome da nossa mui amada Pátria, resolvemos, eu e minha Chiquita dar a última prova de nossa dedicação patriótica forçando as derradeiras energias de nossa já avançada velhice. Aceitamos o sacrifício de nova separação, já tão arraigada nas nossas almas, habituados como estamos com a vida subjetiva, mais nobre e mais elevada, que a realidade objetiva.

Aqui estou no derradeiro posto, que exerce com alma, esperando daqui sair para me recolher ao lar onde aguardarei com digna coragem a transformação da vida que dediquei exclusivamente ao serviço de nossa grande Pátria.

Eis meu caro Amigo, explicando o móvel de resolução que me atirou a estas plagas internacionais, por amor ao Brasil.

Não tenho, nem nunca tive ambições. O meu passado atestaré esta verdade. Aqui estou servindo e não usufruindo. Bem ou mal, dou o que tenho de mais precioso, a minha honrada velhice, em homenagem ao Brasil"⁴³ (os grifos são nossos).

Em carta ao General Jaguaribe de Mattos, datada de 04 de novembro de 1934, posiciona ao amigo e companheiro, a tentativa de extinção do SPI, dizendo-lhe que a vitória era somente moral, posto que o crédito que fora pedido para organizar aquilo que a Revolução de 1930 havia desorganizado por ação do Ministro da Fazenda.

"Gaúcho da escola de Castilho que tudo fez para destruí-lo. Talvez como plano oculto de satisfazer o clero revolucionário que entrou na dança com o intuito de restabelecer o regalismo nas suas relações com o Poder temporal, aspiração máxima do Vaticano..."

... Julgo, entretanto, pouco segura a sorte do SPI em virtude da insistência do Vaticano, valendo-se do apoio político dos Bispos e do Cardeal ao governo revolucionário retrógrado. A nomeação para Embaixador na Corte do Vaticano, do ex-Ministro da Viação, da Ditadura, clericalista maquiavélico, presunçoso e pretensioso, muito concorrerá para o grande êxito. Estamos na fase mais perigosa da República aquela em que o Padre conseguiu penetrar e dominar.

Os positivistas somos poucos, e todos medíocres, sem capacidade combativa capaz de enfrentar os bispos que dominam o meio intelectual brasileiro. Infelizmente o Sr. Lemos e o Sr. Mendes não deixaram sucessores. Aconteceu aqui o que sucedeu em Paris por toda a parte. Isso não nos desanima, entretanto. O homem se agita e a humanidade o guia.

A evolução social segue a sua trajetória irrevogavelmente. Não há poderes, na terra ou no céu, capazes de modificar o destino humano. Os bispos influem de tal modo na política nacional, revolucionária, que nada se re-

solve em certo departamento, sem audiência do Cardeal".⁴⁴

Aqui Rondon se coloca abertamente contra o clero, pois não vê nele, naquele momento histórico, que o País atravessa, o humanismo. A crença na dignidade do Homem, naquilo que implica numa teologia, dentro de uma perspectiva cristã era o que Rondon apoiava em determinadas condições.

Recusava-se a crer na existência de um destino preparado para o homem, acreditando na Teoria da Evolução, a qual se tornara incontestável, desde quando a "Humanis Generis" autorizara aos católicos filiarem-se à tese transformista. E no dizer de Teilhard de Chardin que "os dedos da Evolução constituem uma verdadeira propedéutica a uma filosofia cristã da História".

Sempre preocupado com o Homem, habitante do sertão, índio ou branco, colocava Rondon seu pensamento apenas nos aquartelamentos para a tropa nas fronteiras, invectivando contra a situação em que se encontram, chegando a propor simplesmente sua supressão a continuar o estado de violência ao Homem.

"Que os aquartelamentos que preenchem as condições requeridas pelo seu conforto e satisfação plenamente as necessidades de higiene exigidas para a boa saúde do soldado... que os quatro contingentes especiais que fazem vigilância das fronteiras do Norte... encontram-se acampadas em ranchos cobertos

de palha, com paredes de pau-a-pique, simplesmente barreadas e piso de chão batido. A cobertura de palha, foco de todos os insetos que infestam as vivendas da roça: grilos, baratas, lacrarias, escorpiões, aranhas de todas as espécies e tamanhos sendo comum nelas se encontrarem cobras venenosas. As paredes barreadas são ninhos do infecioso Barbeiro, que se aglomera nos ranchos forrados nas mesmas paredes. No chão dos ranchos, criam-se pulgas, bichos-de-pé e carrapatos-de-chão. Em ranchos desta ordem vivem nossos soldados; ali curtem o seu triste destino, abandonados, sem higiene e sem assistência médica; quase todos palúdicos e verminosos. Como complemento do Quartel é de justiça que todo o Destacamento tenha um médico e a respectiva farmácia. A continuar como se encontram os Contingentes Especiais, melhor suprimi-los.

Não é humano exigir do soldado sacrifício da saúde em tempo de paz, a pretexto de policiamento de fronteira, com irrisão da dignidade nacional”⁴⁵ (os grifos são nossos).

Para os adultos, seria proposta a criação de linhas de tiro, atendendo de certa maneira a paixão do silvícola por este tipo de atividade, considerando ser esta sua aspiração máxima — atirar de carabina.

No trato diário e pelo exemplo, o silvícola iria absorvendo atitudes cívicas, na medida em que, de forma periódica, viria a participar das

festas patrióticas. Desta maneira, a Escola, por sua ação e o meio adequado, daria o apoio que tornaria, mais completa, a transformação mental do silvícola para sua melhor adequação à sociedade.

E no dizer do próprio Rondon:

“Embora pensando que a evolução mental do Índio se faria mais lógica e racionalmente, proporcionando-lhe conhecimentos positivos do Mundo e do Homem de modo a que sua alma, isto é, o conjunto de seus sentimentos e das suas funções intelectuais atingir mais rapidamente a meta das aspirações humanas sobre o seu reinado na terra, sou de parecer que nenhum inconveniente haveria em aceitar a colaboração do sacerdócio católico que se oferece a pregar as suas doutrinas aos nossos selvagens no sentido da catequese correspondente. Essa intervenção deve ser aceita franequeando os Estabelecimentos oficiais a essa propaganda; e nas fronteiras subvencionando as Escolas que ali o clero católico queira criar para a educação dos filhos dos Índios, além das Escolas oficiais e leigas das Povoações e Postos Indígenas. Este processo é empregado pelo governo inglês na Guiana, nosso confinante do Rio Branco”⁴⁶

OBRA — SUA META O HOMEM

Rondon, o Sertão, seu Habitat — a Educação

Para visão de sertanista e desbravador, Rondon dizia dentro do

enfoque positivista, ou seja, que a exploração da terra deveria ser feita de modo simultâneo com o assentar de novos núcleos populacionais e com uma infra-estrutura a nível de lavouras de subsistência, inicialmente, criação de gado, pequeno comércio a fim de os silvícolas que ali tinham sua morada, pudessem ter ambiente propício, para que pudessem evoluir de forma espontânea natural.

Assim, executava este homem notável, trazendo para o meio da civilização, os índios não pela violência, mas pelos serviços que lhes eram postos à disposição, e que por imitação, deles se utilizariam mais tarde.

Por isso cria, em 7 de setembro de 1908, o Departamento Central do Juruena, *primeiro núcleo de proteção aos indígenas daquele vasto sertão*.⁴⁷

Os dados que eram obtidos do contato com o indígena brasileiro de colocar, em sua verdadeira extensão, sua definição etnológica, vez que se não era o índio cantado em prosa e verso por nossos escritores, também não era o indolente e inservível para o trabalho.

Rondon utilizou, durante décadas, seus serviços nas linhas telegráficas para que a "*Língua de Mariano*" pudesse circular pelos sertões brasileiros. Sua ação pacificadora e integradora o faria, sem que violentasse a cultura indígena em sua expressão mais pura e genuína.

Desta maneira pacífica, atraindo à civilização inumeráveis tribos, graças à diretriz maior que traçara e que se esmerava em não descurar.

"Tal diretriz não se traçara ao acaso de uma imposição de momento, ao contrário disso, foi ela o fruto de um dever maduramente aceito como produto necessário de convicções e sentimentos que nos conduziram a respeitar às indefesas populações fetichistas em suas propriedades, nas suas pessoas e nas suas instituições políticas, sociais e religiosas".⁴⁸

As grandes linhas de aproximação entre o Positivismo e o fetichismo, nos dá Comte, condições de que o Homem possa transitar de sua existência primitiva ao seu estado final, sem que sejam necessários os intermediários.

Desta forma, Rondon assevera:

"Como positivista e membro da Igreja Positivista do Brasil, estou convencido de que os nossos indígenas deverão incorporar-se ao Ocidente, sem que se tente forçá-los a passar pelo teologismo".⁴⁹

Por esta razão era avesso a qualquer forma de catequese indígena, e dentro deste espírito procurava substituir este conceito pelo de proteção. Era por assim dizer, o eco da concepção de José Bonifácio.

A proteção seria levada a realizar-se através de ações que visassem introduzir por aceitação não forçadas, condições de facilitação na aprendizagem de novos ofícios e na produção agrícola e industrial, dando-lhes liberdade de trabalho e assegurando a propriedade do produto de seu trabalho.

No que diz respeito à instrução, ela seria de nível primário e profissional, sem que, no entanto, houvesse obrigatoriedade. Ora, é marcante tal posicionamento de Rondon e do Brasil no concerto das Nações ao tratar o gentio com a dignidade e o respeito humano e o faria logo, como princípio de direito, sem que houvesse violação aos costumes, tradições e crenças, evitando-se com isto uma transição brusca. Dando-lhes condições de que, paulatinamente, a evolução fosse se realizando à luz de um desenvolvimento progressivo e natural.

Rondon, assim era considerado como o "Apóstolo das Selvas".

"Rondon ao lado daquelas tarefas de um técnico desdobra maravilhosamente as energias de um Santo. E de tribo em tribo, de taba em tava, de maloca em maloca, esse homem admirável vai surgindo, de olhos brilhantes e sorriso nos lábios, estendendo ao selvagem, sobre a palma da mão leal, semente de fraternidade, germes de progresso, da paz, da harmonia e da confiança".⁵⁰

Em seus textos que nos deixou, clarifica suas posições como quando o General Mangin, como hóspede do Governo brasileiro, interpelou-o a respeito de aproveitamento que fazíamos dos índios existentes e espalhados pelo interior do Brasil.

Respondera Rondon que eram nucleados com o intuito de civilizá-los e encaminhá-los aos tra-

lhos agrícolas. Quando Mangin estranhou o seu aproveitamento no Exército, onde poderiam ter seu emprego, com benefícios de ambos os lados acrescentando:

"Acredito que o Brasil entraaria nos selvagens um material admirável a empregar na sua defesa, melhor do que aquele que a França utilizou nas suas Colônias. Aqui o Estado-Maior amoldaria um elemento nacional ao Serviço Militar, sem nenhum trabalho especial de persuasão, ao passo que nós, nas nossas Colônias, vamos trabalhar em elemento estrangeiro, com sentimentos contrários aos dos seus colonizadores, dando lugar tantas vezes a lutas, que os meus colegas brasileiros não teriam de um modo absoluto na transformação e civilização de seus indígenas".⁵¹

Tal encontro levaria Rondon a modificar parte de sua proposição, fazendo com que o silvícola tivesse sua educação militar através de introdução do regime disciplinar militar e o ensino através de exercícios que fosse inerente ao militar, para os jovens.

Sendo o homem a sua maior preocupação, assim se referia:

"Se não existissem aquelas populações completamente desprotegidas, flageladas e perseguidas, não teria forças necessárias para enfrentar os cansaços e intempéries, as febres, as indiscriplinas, os perigos de toda espécie e a longa ausência do lar".⁵²

Conseguiu Rondon resguardar aos índios Quiniquinan e Terenas as últimas terras que lhes restavam, obtendo do governo de Mato Grosso o reconhecimento da propriedade de terra por estes silvícolas.

Preconizava as seguintes "normas sociológicas" para o aproveitamento do índio:

1º — *Não afastar o índio do seu habitat, pois conhecemos o efeito desastroso desse afastamento;*

2º — *Não forçá-los a trabalhos, respeitar sua organização tribal;*

3º — *Criar-lhe, pelo exemplo e pelo fornecimento de coisas úteis, novas necessidades;*

4º — *Induzi-los, por meios suassírios, aos trabalhos mais do seu agrado que forneçam recursos necessários para a compra de artigos correspondentes às suas novas necessidades;*

5º — *Revelar-lhe pelo ensino livre e adequado, novos horizontes de vida, selecionando os mais capazes para guia do povo;*

6º — *Ter em vista, quanto aos trabalhos, o regime gregário da atividade indígena, não só na execução, mas também e sobre-tudo, na distribuição dos produtos, o que impedirá toda a tentativa de loteamento.⁵³*

Mas não só estas normas adotava, tendo ainda enunciado quatro regras principais que constituem a síntese dos direitos humanos dos silvícolas:

1 — *Morrer, se preciso for; matar nunca;*

2 — *Respeitar as tribos como povos independentes;*

3 — *Garantir a posse de terra ao indígena que nela vive, que é necessária à sua subsistência;*

4 — *Assegurar aos índios a proteção direta do Estado.⁵⁴*

Centrado pois, nos princípios que o Patriarca de nossa Independência tinha para o verdadeiro domínio da terra, que nos dizia:

a — *Justiça, não esbulhando mais os índios, pela força, das terras que ainda lhes restam;*

b — *Brandura, constância e sofrimento de nossa parte que nos cumpre como usurpadores e cristãos;*

c — *Abrir comércio com os bárbaros, ainda que seja com perda de nossa parte;*

d — *Procurar com dádivas e admoestações fazer as pazes com os índios inimigos;*

e — *Favorecer por todos os meios possíveis os matrimônios entre índios e brancos e mulatos.⁵⁵*

Assim, procura minimizar ao máximo, dentro de seus limites e capacidade, o escárnio que vinha sendo alvo por parte de seus irmãos brancos, o gentio, formando assim na consciência psicológica e moral, o indigenista humanitário, o humanista, aquele que em seu Grupo de Trabalho, trazia o que melhor havia no país de conhecimento interdisciplinar como para servir de forma permanente à Pátria.

Dizia-se ainda que a civilização "não é fim, mas meio de criar, de-

senvolver, aperfeiçoar uma ordem artificial que suprime, ou pelo menos, atenua as asperezas de ordem natural".⁵⁶

Em todos os seus atos no Sertão, era a Bandeira Nacional hasteadas e a Ordem do Dia se fazia ao ar a incutir a seus homens o amor à Pátria, dever, o civismo, o amor ao próximo fazendo abranger com esta idéia a Humanidade como um todo.

Mas não ficava tão-somente na elevação do homem e em sua transcendência.

Colocava-se dentro da visão pragmática de seu mestre e amigo Gomes Carneiro.

Em Vila Bela ou Mato Grosso o abandono que a Vila e sua população estava fez com que um misto de emoção e de indignação se apoderasse de Rondon determinando um verdadeiro mutirão para que limpa e arrumada a Vila, pudesse dar dignidade a seus moradores.

Suas Ordens do Dia, de próprio punho, são obras de enlevo e exaltação do Culto da Humanidade e do dever. Modesto, não se preocupava com homenagens, medalhas e diplomas. A família sim, ligava-se a estas expressões. Podem ser vistas suas fotografias em que o destaque maior no peito é tão-somente a medalha militar de Tempo de Serviço.

Quando retorna de Letícia em que graças a sua intervenção Bolívia e Peru dão-se as mãos num gesto de paz e confraternização, nada reclama quanto a seus proventos. Por insistência de seu secretário é feito um requerimento solicitando as diárias que tinha por direito re-

ceber. Rondon por diversas vezes nega-se a assiná-lo posto que julgava-se suficientemente pago e que cumprira com seu dever. Acontece que a família não tinha a mesma opinião e o pressionava. Vindo o numerário, metade ele dá a família e com a outra metade constrói a Escola Santa Claudina, em Mimo- so, sua terra natal.

Jamais teve para si as honras e sim pretendeu sempre dividir-las com os companheiros, por este motivo seria digno de nota e comemorações o dia 27 de junho, data em que o Marechal Mallet mandava um Aviso para o Estado-Maior do Exército que determinava que o então Capitão Rondon, organizasse uma Comissão que passaria a posteridade como Comissão Rondon.

Aí está o marco inicial de um trabalho hercúleo de mais de cinqüenta anos de um grupo abnegado de homens, que deixaram a terra sulcada de, aproximadamente, trezentos e cinqüenta corpos destes heróis anônimos na construção de um Brasil maior, digno e que tenha como razão magna do progresso — o Homem.

CONCLUSÃO

O que se deflui da Dissertação apresentada é a preservação maior realizada por Rondon, da visão científica de José Bonifácio, bem como seu apreço pelas Ciências a serviço do conhecimento do Homem.

Vê-se pois que a Escola Militar abraça o positivismo, enquanto o mesmo possibilita o crescimen-

to científico e tecnológico, não o aceitando, no entanto, quando é dada uma guinada política e mesmo religiosa. Fica bem clarificada a idéia do nexo criativo entre os ideais do positivismo e o da técnica militar dentro de uma visão geoestratégica nacional.

Rondon acima de todos os demais, concilia uma posição que não é só antagônica mas é auto-excludente, a do militar positivista.

Quando convidado a pedir exclusão do Exército e assumir o sacerdócio positivista, recusa; no entanto, quando lhe dão o Comando Militar para combater os insurretos não só o aceita mas cumpre com destaque a missão que lhe é atribuída.

Pacificou individualmente, conseguindo estabelecer a paz entre grupos indígenas. Descobriu novos grupos de aborígenes. Criou núcleos indígenas, educou-os, tornando-os excelentes técnicos profissionais. Oficializou a mística de proteção ao aborígene, o verdadeiro dono da terra — sendo o inspirador do Serviço de Proteção aos Índios, dentro do que preconizava o Patriarca de nossa Independência — necessidade de substituir em relação aos selvagens como em relação a todos os povos, a atitude fraterna, inerente à preponderância da Humanidade, à atitude conquistadora, apenas conciliável com o predomínio de divindades fatalmente rivais.

Destacou-se no encaminhamento e orientação geral dos Estudos de História Natural, Geologia, Mi-

neralogia, Botânica, Zoologia e Etnografia.

Arbitro não só entre os aborígenes e entre estes e o branco, mas também entre os Estados.

As tropas colombianas e peruanas já se encontravam mobilizadas, quando, de forma pessoal, Rondon se posiciona para desarmar os espíritos que tendiam à luta fratricida.

NOTAS

29. VIVEIROS, Esther de — Op. cit. pág. III v. nota 1.
30. RONDON, Cândido Mariano da Silva. *Saudação ao Presidente da República*. Abril, s. ed., 1923.
31. RONDON, Cândido Mariano da Silva — *Comissão das Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas*. Rio de Janeiro, Luzinger, 1910, p. 26.
32. ODIER — *Les deux sources — consciente et inconscient de la vie morale*. Neuchâtel, Baconnière, pág. 43, s.d.
33. VERGEZ, André e HUISMAN, Denis — Op. cit. pág. 9, v. nota 7.
34. LE SENNE, René — *Traité de morale générale*. Paris, PUF, s.d., p. 536.
35. VIVEIROS, Esther de — Op. cit. pág. III, v. nota 1.
36. COMTE, Augusto — *Catecismo Positivista*, in Os Pensadores, São Paulo, Abril, v. XXXIII, pág. 201, 1973.
37. MENEZES, Castro — *Novo Apóstolo das Selvas*, Jornal do Comércio, 7/10/1915.
38. RONDON, Cândido Mariano da Silva — *Telegrama*, Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 1/3/1917.
39. VIVEIROS, Esther de — Op. cit. pág. III, v. nota 1, pág. 91.
40. RONDON, Cândido Mariano da Silva — *Carta*, Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 31/3/1917.
41. VIVEIROS, Esther de — Op. cit. pág. III, v. nota 1, p. 102.
42. COMTE, Augusto — Op. cit. pág. 2, v. nota 3.
43. RONDON, Cândido Mariano da Silva — *Carta ao General Jaguaribe de Mattos*. 4/11/1934.

44. Cf — fonte citada pág. 76, v. nota 43.
 45. Cf — fonte citada pág. 76, v. nota 43.
 46. Cf — fonte citada pág. 76, v. nota 43.
 47. VIVEIROS, Esther de — Op. cit. pág. III, v. nota 1, p. 257.
 48. HORTA BARBOSA, Luís Hildebrando de Barros — *Pelo índio e pela sua proteção oficial*. Rio de Janeiro, Imprensa Oficial, publ. nº 86, 1947, p. 45.
 49. VIVEIROS, Esther de — Op. cit. pág. III, v. nota 1, p. 340.
 50. CASTRO, Menezes — Op. cit. pág. 71, nota 37.
 51. MANGIN, Gen., Grande africanista francês — *Carta ao Gen. Cândido Mariano da Silva Rondon*, s.e., s.d.
 52. RONDON, Cândido Mariano da Silva — *Pelos sertões e fronteiras do Brasil*. Rio de Janeiro, 1969.
 53. PAULA ASSIS, José — *Rondon, símbolo da fraternidade*. São Paulo, Revista do Ateneu Paulista de História, Ano VIII, nº 8, Janeiro, 1971, p. 107.
 54. PAULA ASSIS, José — Op. cit. pág. 107, v. nota 53.
 55. BOTELHO DE MAGALHÃES, Amílcar — *A obra ciclopica de Rondon*. Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, 1956, p. 18.
 56. VIVEIROS, Esther de — Op. cit. pág. III, v. nota 1, p. 321.

BIBLIOGRAFIA

1. ARARIPE, Tristão Alencar. *Tasso Fragoso, um pouco de História de Nossa Exército*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1960.
2. ARRUDA, Antônio de. Aspectos psicosociais da vida e da obra do Mal. Rondon. *Revista Militar Brasileira*, Rio de Janeiro, Ano 52, nº 1, Jan/Mar, V. 79, pág. 95-117, 1966.
3. AZEVEDO, Fernando. *A cultura brasileira*, 4ª ed., São Paulo, Melhoramentos, 1964.
4. BANDEIRA, Duarte. *Rondon — o bandeirante do século XX*. São Paulo, Martins, s.d.
5. BAUER, Guilhermo. *Introducción al estudio de la historia*. Barcelona, Bosch, 1970.
6. BEALS, Ralph et HOIJER, Harry. *Introducción a la Antropología*. Madrid, Aguilar, 4ª ed., 1972.
7. BENICIO DA SILVA, Valentim et CASTELLO BRANCO, Firmino Lopes. *Rondon Civilizador do Sertão*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1952.
8. BENTO, Claudio Moreira. *Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro*. Rio de Janeiro, Ministério do Exército, 1978.
9. BENTO, Pereira de Lemos. *Do Amazonas ao Acre*, s. ed., 1916.
10. BOCHENSKI, Josef. *Diretrizes do Pensamento Filosófico*, São Paulo, Herder, 1961.
11. BOTELHO DE MAGALHÃES, Amílcar Armando. *Rondon*. São Paulo, s. ed., 1939.
12. BOTELHO DE MAGALHÃES, Amílcar Armando. *A obra ciclopica do General Rondon*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1956.
13. BOTELHO DE MAGALHÃES, Amílcar Armando. *Rondon, uma religião de Pátria*. Curitiba, Guairá, 1942.
14. BOTELHO DE MAGALHÃES, Amílcar Armando. *Impressões da Comissão Rondon*. Porto Alegre, Globo, 1929.
15. BOTELHO DE MAGALHÃES, Amílcar Armando. *Relatório*. Rio de Janeiro, Expedição Roosevelt-Rondon, Anexo 5, 1916.
16. BOTELHO DE MAGALHÃES, Amílcar Armando. *Relatório*. Rio de Janeiro, Caso Fawcett, Inspetoria dos Índios do Mato Grosso, Jan, 1928, 1929.
17. BOTELHO DE MAGALHÃES, Amílcar Armando. *Rondon uma relíquia de Pátria*. Curitiba, Guairá, 1942.
18. BRASIL, Instituto Nacional do Livro. *A grande aventura de Rondon*. Rio de Janeiro, 1971.
19. BRASIL, Ministério da Guerra, Biblioteca Militar, *Rumo ao Oeste*. Rio de Janeiro, Gráfica Lammert, s.d.
20. BRASIL, Ministério da Guerra, *Ordens do Dia*, Cândido Mariano da Silva Rondon, 1912, 1913, 1914, 1915, s.ed., s.d.
21. BRASIL, Congresso. Câmara dos Deputados. Centro de Documentação e Informação. *Cultura política e pensamento autoritário*. Introd. de Ricardo Velez Rodríguez, Brasília, 11-22, 1983.
22. BRASIL, FUNAI. *Legislação*. Brasília, Ministério do Interior, 1974.
23. BRASIL, FUNAI. *Estatuto do Índio*.

24. BRASIL, FUNAI. *Boletim Informativo*. Brasília, Ministério do Interior, Ano II, nº 7, 1973.
25. BRASIL, FUNAI. *Boletim Informativo*. Brasília, Ministério do Interior, Ano II, nº 8, 1973.
26. BRASIL, FUNAI. *Boletim Informativo*. Brasília, Ministério do Interior, Ano III, nº 9-10, 1973.
27. BRASIL, FUNAI. *O que é a FUNAI*. Brasília, Assessoria de Relações Públicas, 1973.
28. BRASIL, FUNAI. *Política Indigenista*. Brasília, Ministério do Interior, Pub. nº 2, 1974.
29. BROWN, Dee. *Enterrem meu coração na curva do rio*. São Paulo, Melhoramentos, 1973.
30. BRUGGER, W. *Dicionário de Filosofia*. Philosophisches Wörterbuch. Trad. Antonio Pinto de Carvalho, 2ª ed., São Paulo, Herder, 1969.
31. CASTRO, Menezes. *Novo Apóstolo das Selvas*. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 7 out. 1915.
32. CLUBE POSITIVISTA. *Admissão do Marechal Rondon*. Rio de Janeiro, 1956.
33. COMTE, Augusto. *Catecismo positivista/Cathecisme positiviste*. Trad. Miguel Lemos, in: Os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 101-302, Vol. XXXIII, 1973.
34. COMTE, Augusto. *Cours de philosophie Positiva/Cours de Philosophie Positive*, notice biographique / par M. Daille. Paris, Larousse, 1930.
35. COMTE, Augusto. *Curso de Filosofia Positiva/Cours de Philosophie Positive*. Trad. José Arthur Giannotti, in: Os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 5-45, Vol. XXXIII, 1973.
36. COMTE, Augusto. *Discurso sobre o espírito positivo/Discours sur l'esprit positif*. Trad. José Arthur Giannotti, in: Os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 47-100, Vol. XXXIII, 1973.
37. COMTE, Augusto. *Système de politique ou traité de sociologie*. Institut de la Religion de L'Humanité. Paris, George Gréss, p. 520, Vol. I, 1912.
38. CRUZ COSTA, J. *Augusto Comte e as origens do Positivismo*. 2ª ed., São Paulo, Nacional, 1956.
39. CRUZ COSTA, J. *A Filosofia no Brasil*. Porto Alegre, s.ed., 1945.
40. CRUZ COSTA, J. *Contribuição às idéias no Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.
41. CRUZ COSTA, J. *O pensamento brasileiro*. São Paulo, s. ed., 1946.
42. CRUZ COSTA, J. *O Positivismo e a República*. São Paulo, Nacional, 1956.
43. COUTINHO, Edilberto. *Rondon, o civilizador da última fronteira*. Guanabara, Olivé, 1969.
44. CRIPPA, Antonio. *Idéias filosóficas no Brasil*. São Paulo, Convívio, Vol. I, 1979.
45. CRIPPA, Antonio. *Idéias políticas no Brasil*. São Paulo, Convívio, Vol. I, 1979.
46. CRULS, Gastão. *A Amazônia que eu vi*. Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1973.
47. DIEGUES JUNIOR, Manuel. *As regiões do Brasil*. Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1960.
48. DOBZHANSKY, Theodosio. *O homem em evolução*. São Paulo, Polígono, 1968.
49. DOWNS, Robert. *Fundamentos do pensamento moderno*. Rio de Janeiro, Renes, 1969.
50. DUBOS, René Jules. *Um animal tão humano*. São Paulo, Melhoramentos, 1974.
51. FONTANA, Dino Fausto. *Literatura brasileira*. São Paulo, Saraiva, 1965.
52. FREYRE, Gilberto. *Além do apenas moderno*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973.
53. FRANCOVICH, Guilhermo. *Filosofos brasileiros*. Trad. Irineu Strenger, São Paulo, Flama, 1939.
54. GUERRA, Flavio. *Rondon, o sertanista*. Rio de Janeiro, Distribuidora Rend, 1965.
55. GRUBBER, Hermann Joseph. *O Positivismo ortodoxo no Brasil*. São Paulo, Cupolo, Revista Brasileira de Filosofia, Vol. XV, nº 59, 1965.
56. HERSKOVITS, Melville J. *Antropologia cultural*. São Paulo, Mestre Jou, Tomo I, 1963.
57. HORTA BARBOSA, Luis Hildebrando de Barros. *Comemoração fúnebre do Templo de Humanidade no dia de Ho-*

- mero 170. Rio de Janeiro, Templo da Humanidade, s. ed., 1968.
58. HORTA BARBOSA, Luis Hildebrando de Barros. *Diário. Serviço de Proteção aos Índios*, s.ed., 1912.
59. HORTA BARBOSA, Luis Hildebrando de Barros. *Pelo Índio e pela sua proteção oficial*. Rio de Janeiro. Imprensa Oficial, Pub. nº 86, 1947.
60. LAÉRCIO DE BARROS, Hugo. *Augusto Comte e o Positivismo no Brasil*. Rio de Janeiro, Anais da Sociedade Brasileira de Filosofia, Ano V, nº 5, Jornal do Brasil, 1946.
61. LALOUP, Jean et NELIS, Jean. *Cultura e Civilização*. São Paulo, Herder, 1966.
62. LANDMANN, Michael. *Antropologia filosófica*. México, Hispano Americana, 1961.
63. LESSA, Pedro. *Discurso e conferências*. Rio de Janeiro, s.ed., 1916.
64. LESSA, Pedro. *Dissertação e polêmica*. Rio de Janeiro, Jornal do Comércio, 1909.
65. LESSA, Pedro. *Estudos de filosofia do direito*. Rio de Janeiro, s.ed., 1912.
66. LINS, Ivan. *Augusto Comte e a filosofia das ciências*. São Paulo, Revista Brasileira de Filosofia, Instituto Brasileiro de Filosofia, V. VII, Fase III, 312-325, 1957.
67. LINS, Ivan. *Benjamin Constant*. Rio de Janeiro, s.ed., 1936.
68. LINS, Ivan. *História do Positivismo no Brasil*. São Paulo, Nacional, 1967.
69. LINS, Ivan. *Perspectivas de Augusto Comte*. Rio de Janeiro, São José, 1965.
70. LINS, Ivan. *O Positivismo em São Paulo*. Revista Brasileira de Filosofia, Instituto Brasileiro de Filosofia, Vol. XII, Fasc. 48, 432-452, 1962.
71. LAFITTE, Pierre. *Moral Positiva*. Rio de Janeiro, Oliveira e Cia., 1938.
72. LE SENNE, René. *Traité de morale générale*, PUF, s.d.
73. LONGCHAMPT, J. *Epítome da vida e dos escritos de Augusto Comte*. Rio de Janeiro, Apostolado Positivista do Brasil, nº 179, 1898.
74. MARIAS, Julian. *Obras de Julian Marias — História da Filosofia*, 10^a ed., Madrid, Revista do Ocidente, 1958.
75. MARIAS, Julian. *O sentido do Positivismo/El sentido del positivismo*. Trad. João de Orlando Canaan. Texto extraído da "História da Filosofia", 10^a ed., Madrid, Revista do Ocidente, 346-347, 1959 (manuscrito em português, 1983).
76. MARIAS, Julian. *História da Filosofia*, 3^a ed., Porto, Souza e Almeida, 1973.
77. MARIAS, Julian. *Introdução à Filosofia*. São Paulo, Duas Cidades, 1947.
78. MATTOS, Jaguaripe de. *Discursos de despedida*, s.ed., 1932.
79. MAUL, Carlos. *O Exército e a Nacionalidade*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1950.
80. MACIEL DE BARROS, Roque Spencer. *A ilustração brasileira e a idéia de Universidade*, s.ed., s.d.
81. MACIEL DE BARROS, Roque Spencer. *A evolução do pensamento de Pereira Barreto e seu significado pedagógico*. São Paulo, USP, s.d.
82. MELLO FRANCO, Afonso Arinos. *História e técnica do partido político no direito constitucional brasileiro*. Rio de Janeiro, s.ed., 1948.
83. MELLO FRANCO, Afonso Arinos. *Problemas políticos brasileiros*. Rio de Janeiro, José Olympio, Coleção Brasil em Questão, 1975.
84. MENDES, Raimundo Teixeira. *Ainda os indígenas do Brasil e a política moderna*. Rio de Janeiro, Igreja e Apostolado Positivista do Brasil, Pub. 253, 1908.
85. MENDES, Raimundo Teixeira. *O cientificismo e a defesa dos indígenas brasileiros*. Rio de Janeiro, Igreja e Apostolado Positivista do Brasil, Pub. 276, 1908.
86. MENDES, Raimundo Teixeira. *Esboço biográfico de Benjamin Constant*. Rio de Janeiro, s.ed., 1913.
87. MENDES, Raimundo Teixeira. *A influência Positivista no atual Serviço de Proteção aos Índios e localização de trabalhadores nacionais*. Rio de Janeiro, Igreja e Apostolado Positivista do Brasil, Pub. 334, 1909.
88. MENDES, Raimundo Teixeira. *Ainda pelos martirizados descendentes dos indígenas e dos africanos*. Rio de Janeiro, Igreja e Apostolado Positivista do Brasil, Pub. 392, 1915.
89. MENDONÇA, G.C. *Calendário Positivista, católico, romano e republicano*. Rio de Janeiro, Dois Irmãos, 1957.
90. MONDOLFO, Rodolfo. *Problemas y*

- método de investigación en la historia.* 2^a ed., Buenos Aires, s.ed., s.d.
91. MORAES FILHO, Evaristo. *Augusto Comte e o pensamento sociológico contemporâneo*. Rio de Janeiro, São José, 1957.
92. MOTTA, Jeovah. *Formação do Oficial do Exército*. Rio de Janeiro, Cia. Brasileira de Artes Gráficas, 1976.
93. MULLER, Lauro. *Conferências*. Rio de Janeiro, Liga de Defesa Nacional, 15/11/1921.
94. ODIER. *Les deux sources — Consciente et inconscient de la vie morale*. Neuchatel, Baconnière, s.d.
95. OLIVEIRA, Luis Humberto. *Coletânea de leis, atos e memoriais referentes ao indígena brasileiro*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, Pub. 94, 1947.
96. OLIVEIRA, João Marciano. *Pelos indígenas brasileiros*. Rio de Janeiro, Apostolado Positivista do Brasil, Pub. 138, 1894.
97. OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O índio e o mundo dos brancos*. 2^a ed., São Paulo, Pioneira, 1972.
98. OLIVEIRA TORRES, João Camilo de. *O Positivismo no Brasil*. Petrópolis, s.ed., 1957.
99. OTAVIO, Rodrigues. *Os selvagens americanos perante o direito*. São Paulo, Nacional, 1964.
100. PADILHA, Tarcísio Meireles. *Filosofia, ideologia e realidade brasileira*. Americana, 1971.
101. PAIM, Antonio Ferreira. *História das idéias filosóficas no Brasil*. São Paulo, Grijalbo, 1967.
102. PAIM, Antonio Ferreira. *Introdução à filosofia contemporânea no Brasil, a mentalidade dos positivistas*. São Paulo, Revista Brasileira de Filosofia, Vol. XVI, Fasc. 64, Cupolo Ltda, 1960.
103. PAIM, Antonio Ferreira. *Getúlio Vargas, o Castilhismo e o Estado Novo*. Rev. Convivium 22(4), Jul/Ago, São Paulo, 358-372, 1979.
104. PAIM, Antonio Ferreira. *Como se caracteriza a ascensão do Positivismo no Brasil*. Revista Brasileira de Filosofia XXX(119), 249-269, Jul/Set, 1980.
105. PAIVA, Mario Garcia. *A grande aventura de Rondon*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1971.
106. PAROLINI, Eulália et alii. *A contribuição de Rondon para a Antropologia brasileira*. Revista do Exército Brasileiro. Rio de Janeiro, DACEB (2): 7-18, Abr/Jun, Vol. 719, 1982.
107. PAULA ASSIS, José. *Rondon, símbolo da Fraternidade*. São Paulo, Revista do Ateneu Paulista de História, Ano VIII, n.º 8, Janeiro, 1971.
108. PRADAL, Hugo. *Rondon e as comunicações*. Revista do Instituto Geográfico e História Militar do Brasil, Rio de Janeiro, XXV, n.º 52, 1966.
109. PRADO, Eduardo Barros. *Eu vi o Amazonas*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1952.
110. REALE, Miguel. *Pedro Lessa e a filosofia positiva em São Paulo*. São Paulo, Revista Brasileira de Filosofia, Instituto Brasileiro de Filosofia, Vol. IX, Fasc. IV, 521-554, 1959.
111. RIBEIRO, Darcy. *Os Índios e a civilização*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.
112. RIBEIRO, Darcy. *O indigenista Rondon*. Rio de Janeiro, MEC, 1959.
113. RICARDO, Cassiano. *Marcha para o Oeste*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.
114. RODRIGUES, Ricardo Vélez. *A filosofia positiva de inspiração positivista no Brasil*. In: Filosofia e Desenvolvimento. Sociedade Brasileira de Filosofia Católica, Atas da II^a Semana Internacional de Filosofia, Vol. 2, 518-540, 1977.
115. RODRIGUES, Ricardo Vélez. *O Castilhismo e o Trabalhismo após 30*. Unidades VII e VIII do Curso de Introdução ao Pensamento Político Brasileiro, 1980.
116. RODRIGUES, Ricardo Vélez. *Castilhismo: uma filosofia de República*. Escola Superior de Teologia, São Lourenço de Brindes, Caxias do Sul, 1980.
117. RODRIGUES, Ricardo Vélez. *Tradição centralista e aliança liberal*. In: Brasil, Congresso, Câmara dos Deputados, Centro de Documentação e Informação, Aliança Liberal: documento da campanha presidencial, intr., 2^a ed., 9-43, Brasília, 1982.
118. RODRIGUES, Ricardo Vélez. *A ditadura republicana segundo o apostolado positivista*. UnB, Brasília, 1982.
119. ROMERO, Silvio. *Doutrina contra o*

- evolucionismo e o positivismo no Brasil.* Rio de Janeiro, 1895.
120. ROMERO, Silvio. *Explicações indispensáveis, prefácio a vários autores.* Rio de Janeiro, s.ed., 1894.
121. RONDON, Cândido Mariano da Silva. *Assentamentos sobre os trabalhos realizados pela Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas.* Rio de Janeiro, Jornal do Comércio, 1916.
122. RONDON, Cândido Mariano da Silva. *Cartas.* s.ed., s.d.
123. RONDON, Cândido Mariano da Silva. *Centenário do nascimento do General Antonio Ernesto Gomes Carneiro.* Rio de Janeiro, In: Revista Militar Brasileira, Ano 34, nº 3-4, Jun/Dez, Vol. 44, 1946.
124. RONDON, Cândido Mariano da Silva. *Conferências de 1915.* Rio de Janeiro, Leuzinger, 1916.
125. RONDON, Cândido Mariano da Silva. *Conferência.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1946.
126. RONDON, Cândido Mariano da Silva. *Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas.* Rio de Janeiro, Leuzinger, Pub. 68, 1910.
127. RONDON, Cândido Mariano da Silva. *Discurso.* Manaus, Velho Livro, s.d.
128. RONDON, Cândido Mariano da Silva. *Manuscrito.* s.ed., s.d.
129. RONDON, Cândido Mariano da Silva. *Euclides da Cunha.* Rio de Janeiro, Conferências, Suplemento Literário de "A Manhã", 16/8/42.
130. RONDON, Cândido Mariano da Silva. *A etnografia e etnologia do Brasil em revista.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, Pub. 93, 1946.
131. RONDON, Cândido Mariano da Silva. *Índios do Brasil do Centro, Norte e Sul de Mato Grosso.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1946.
132. RONDON, Cândido Mariano da Silva. *Índios do Brasil. Norte do Rio Amazonas.* Ministério da Agricultura, Conselho Nacional de Proteção aos Índios, Pub. 99, 1914.
133. RONDON, Cândido Mariano da Silva. *Inspeção de Fronteiras.* s.ed., 1907.
134. RONDON, Cândido Mariano da Silva. *Relatório dos Trabalhos realizados de 1900-1906.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, Pub. 69/70, 1949.
135. RONDON, Cândido Mariano da Silva. *Plano de Operações. Campanha 1928/1929.* s.ed., s.d.
136. RONDON, Cândido Mariano da Silva. *Relatório.* Rio de Janeiro, Ministério da Guerra, Inspeção de Fronteira, 1930.
137. RONDON, Frederico. *Pelos sertões e fronteiras do Brasil.* Rio de Janeiro, s.ed., 1969.
138. ROQUETTE PINTO, Edgard. *Ensaios de Antropologia brasileira.* São Paulo, Nacional, 1933.
139. ROQUETTE PINTO, Edgard. *Ensaios brasileiros.* São Paulo, Nacional, s.d.
140. ROQUETTE PINTO, Edgard. *Rondonia.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1919.
141. SANTOS, G. dos. *Ordem burguesa e liberalismo político.* São Paulo, Duas Cidades, 1978.
142. SANTOS, Silvio Coelho dos Santos. *Índios e brancos no sul do Brasil.* Florianópolis, Edme, 1973.
- *143. SCHNERB, Robert. *O século XIX.* In: História Geral das Civilizações. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1958.
144. SCIACCA, Michele Frederico. *História da Filosofia.* São Paulo, Mestre Jou, Vol. III, 1966.
145. RIO GRANDE DO SUL. *Constituição Política do Estado do Rio Grande do Sul.* Porto Alegre, Oficinas Gráficas de "A Federação", 1891.
146. ROOSEVELT, Theodore. *Nas selvas do Brasil.* Trad. Luiz Guimarães Junior, Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola, 1943.
147. SILVA, Valentim Benício e CASTELO BRANCO, F.L. — *Rondon o civilizador do sertão.* Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1952.
148. SOBRAL, Francisco Fernandes. *Armas e varões assinalados.* Juiz de Fora, Gráfica Comércio e Indústria, 1963.
149. SODRÉ, Newton Werneck. *História da literatura brasileira.* 4^a ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.
150. SODRÉ, Newton Werneck. *Síntese da história da cultura brasileira.* 2^a ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.

151. SOUSA, Boanerges Lopes de. *Do rio Negro ao Orenoco. (A terra, o homem).* Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, Pub. 111, 1959.
152. SOUZA, Otávio Tarquínio de. *O pensamento vivo de José Bonifácio.* São Paulo, Martins, 1944.
153. TABORDA, Vasco José. *Rondon e o Prêmio Nobel da Paz.* s.ed., s.d.
154. TOBIAS, José Antonio. *História da Educação no Brasil.* 2^a ed., São Paulo, Juris Credi, s.d.
155. TORRES, Luzo. *Um erro.* Rio de Janeiro, Igreja e Apostolado Positivista do Brasil, Pub. 334, 1912.
156. TOYNBEE, Arnold. *A sociedade do futuro.* Rio de Janeiro, Zahar, 1974.
157. VALENÇA DE MELLO, A. *Política Positivista de Augusto Comte.* Rio de Janeiro, Vol II, Civilização Brasileira, 1981.
158. VILLAS BOAS, Orlando e VILLAS BOAS, Claudio. *Xingu, os Índios, seus mitos.* 2^a ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
159. VERGEZ, André e HUISMAN, Denis. *História dos Filósofos.* Trad. Lélia de Almeida Gonzales, Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1970.
160. VERGEZ, André e HUISMAN, Denis. *Introdução à filosofia das ciências.* Trad. Lélia de Almeida Gonzales. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1970.
161. VERGEZ, André e HUISMAN, Denis. *História das Filosofias.* Trad. Lélia de Almeida Gonzales, Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1967.
162. VIVEIROS, Esther de. *Rondon conta sua vida.* Rio de Janeiro, São José, 1958.
163. XAVIER, Agliberto. *Diretrizes.* Rio de Janeiro, s.ed., 1939.
164. ZEA, Leopoldo. *O Positivismo en Mexico, apogeo y decadencia.* Fondo de Cultura Económica, Mexico, 1968.
165. ZEA, Leopoldo. *El positivismo.* IN: *Estudios de historia de la filosofía en Mexico,* Mexico, Universidad Nacional Autónoma, 1973.



O Cel Inf ME João Marinonio Aveiro Carneiro é Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em Filosofia pela Universidade Gama Filho (UGF), Doutor e Livre-Docente em Sociologia da Educação (UFRJ) e Doutor em Filosofia (UGF). É professor de Filosofia na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN).